

Revista

# ECOTEOLOGIA

Abril | N.º 3/2023



Ecoteologia Amazônica:  
entre conflitos e resistências



## **Rede Eclesial Pan-Amazônica REPAM-Brasil**

**Brasília-DF, abril de 2023**

**Nº. 3/2023**



## **Publicação Digital Anual**

**Presidente da REPAM-Brasil:** Dom Evaristo Pascoal Spengler

**Vice-Presidente:** Dom Pedro Brito Guimarães

**Secretário:** Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

**Secretaria Executiva:** Irmã Maria Irene Lopes

## **Comitê Científico**

Ari Antônio dos Reis

Daniel Seidel

Dário Giuliano Bossi

Felício Pontes

Ima Vieira

Márcia Maria de Oliveira

Ricardo Castro

Roberto Malvezzi

Moema Maria Marques

## **Convidados**

José Reinaldo F. Martins Filho

Justino Sarmiento Rezendel

Luiz Felipe Lacerda

Marie Henriqueta Ferreira Cavalcante

Tea Frigerio

**Elaboração:** Ana Caroline Lira

**Revisão:** Elisangela Dias

**Diagramação:** Raul Benevides

**Idioma:** Português Brasil

## **Contato**

[www.repam.org.br](http://www.repam.org.br)

[comunicacao@repam.org.br](mailto:comunicacao@repam.org.br)

**(61) 3447-4117 ou (61) 98595-5278**

# ÍNDICE

## ARTIGOS

- 4** **Ecoteologia** Amazônica: entre conflitos e resistências
- 8** **Ecoteologia** ecoespiritualidade: Aspectos ecológicos e socioambientais
- 15** **Violências** e a capacidade de resistir e descortinar a esperança
- 21** **O Sínodo da Amazônia:** perspectivas de continuidade três anos depois
- 28** **Sínodo da Amazônia** e Espírito/Divina Ruah: bloqueios e inércia
- 39** **Conexão das forças boas:** Afugentar os seres das doenças

# Ecoteologia Amazônica: entre conflitos e resistências



Cada vez mais a Teologia se torna uma exigência para nossa vida de fé-esperança, trilhada em comunidades, na escuta e na partilha de nossas rodas de conversas, celebrações e rituais que são enriquecidos pelas realidades históricas em que caminhamos. Quando falamos de Eco-teologia, temos como ponto de partida os desafios da crise ecológica desencadeada pelo antropoceno, pelos processos coloniais e imperiais, com sua tecnocracia e a idolatria do mercado. Fazemos Ecoteologia, ecologizando o discurso sobre Deus que é o Deus da Criação e presente em sua criação; ecologizando Jesus Cristo, a sophia de Deus encarnado, que assume nossa corporeidade

terrenal, retirando da contemplação da natureza sua sabedoria para ensinar sobre o Reino de Deus, da vida das mulheres o “parimento” de um novo céu e uma nova terra. Sua carne, sua pessoa transformadora da história é martirizada na cruz, é eucaristizada na partilha do pão e do vinho, alimento para continuar sua revolução de justiça e de paz – o grande “sabat” da Criação plena de Deus.<sup>1</sup>

A Ecoteologia Amazônica nasce dessas intuições que são gestadas em suas culturas an-

1 MOLTSMANN, Jürgen, BOFF, Leonardo. Há esperança para a criação ameaçada? – São Paulo: Vozes, 2014.



cestrais, na interculturalização dos encontros e desencontros com o Evangelho, trazido aqui por missionários e missionárias, nas religiosidades nordestinas e ibéricas, de batuques afros, de beberagens indígenas e festas folclóricas. Ecoteologia Amazônica vem também do Encontro de Santarém, onde o Jesus Cristo da Igreja Colonial começa se decolonizar e assumir o rosto de nossos povos e de seus clamores por vida e libertação. A Laudato Si' coloca as bases fundamentais para perceber os processos de destruição do bioma Amazônico, seus povos e a responsabilidade de fazer uma nova história social e natural. O Sínodo e a Querida Amazônia nos ofereceram uma metodologia e uma espiritualidade da criação. Por meio das escutas, aproximamo-nos mais profundamente dos gritos da terra e dos pobres. Com as lutas históricas de seus povos organizados em movimentos aprendemos suas sabedorias, estratégias de revolução e resistências. Palavra e Eucaristia, na Ecoteologia Amazônica, descubrem seus sentidos na hermenêutica intercultural, interagindo culturas, ancestralidade e resistências.<sup>2</sup>

2 CASTRO, Ricardo, INTERCULTURALIDADE E ECOLOGIA. Disponível em: <https://amazonialatitude.com/2021/04/01/interculturalidade-e-ecologia-parte-2/>.

Vivemos períodos de conflitos e resistências dentro do contexto Amazônico. Nestes tempos, somos chamados a retornar às nossas fontes, “cacimbas”, poços de nossa espiritualidade ativa que devem discernir e nortear nossas ações em tempos Apocalípticos para a Amazônia e seus povos. Vale a pena uma Hermenêutica Bíblica Ecológica do Apocalipse de João. A narrativa em linguagem simbólica e analógica, vivida pelos cristãos da diáspora, leva a sério a dominação discursiva e física. O texto pode ser organizado em três partes. Na primeira parte, que pode ser nomeado como o Livro da Resistência, a chave da resistência encontra nele a utopia dos explorados que se organizam e, confiando no Deus da liberdade e da vida, lutam para reconquistar o que lhe pertence por direito: a liberdade e a vida.

Na segunda parte, pode ser considerado o Livro da Denúncia que era a ferramenta dos profetas que denunciavam as injustiças nacionais. A perspectiva apocalíptica tem como objetivo organizar o povo para resistir contra as injustiças nacionais e internacionais, tornando-se movimento de resistência.

A terceira parte pode ser considerada como o Livro da Celebração. A Mística Apocalíptica é a vitória de Jesus sobre a



**A libertação, por meio da resistência, é o centro das atenções na leitura que podemos fazer do Apocalipse.**



morte [Ap 5,6] que projeta a comunidade para o futuro da nossa história: criar com Deus “um novo céu e uma nova terra” [Ap 21,1], uma sociedade de acordo com o projeto de Deus. Ler, escutar [assimilar e discernir], denunciar [profetizar] e praticar [resistir] juntos, movidos pela vitória do Ressuscitado, celebrando desde já, nas pequenas conquistas, a vitória definitiva da vida sobre a morte, da justiça sobre a injustiça.

As comunidades que leem o Apocalipse sentem a certeza de que a vitória do Senhor ressuscitado irá acontecer. “Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar”<sup>3</sup>. A nova sociedade tem suas bases na história – não é fim do mundo, mas o modo como Deus quer que a sociedade seja. Esse fato é celebrado a cada pequena vitória. A espiritualidade apocalíptica é de celebração, de festa e exultação.<sup>4</sup>

Para a narrativa apocalíptica, não é suficiente nomear a besta e seus agentes, embora isso seja parte essencial de uma re-

sistência que provoca a conscientização. A intenção é desarmar a fera e suas estruturas de opressão e exploração, por meio de estratégias de resistência que exigem ações. A libertação não é alcançada até que Babilônia caia. As comunidades e cada pessoa que crê no projeto de Deus devem assumir o compromisso com a construção de estratégias de resistência, ou seja, o processo

de decolonização na Amazônia que mostrou pouca, ou nenhuma,

preocupação com a justiça e o julgamento que não produziu uma sociedade de amor e perdão, mas perpetuou um legado colonial, de uma forma ou de outra, do neocolonialismo, no qual a besta continua a trabalhar secreta ou sutilmente. A partir de uma análise pós-colonial do

Apocalipse, leva-se a sério a resistência ativa, além da resistência ideológica. Eu quero lutar de volta.

Com esses pressupostos, podemos fazer retornos ao Apocalipse, entendido como literatura de resistência, para produzir uma hermenêutica de resistência atenta às agonias da terra, dos oprimidos silenciados, com atenção especial à resistência tanto ideológica quanto pragmática de nossos ancestrais e mártires. Na linguagem apocalíptica de João, à luz de uma hermenêutica ecológica de resistência,



**A nova sociedade tem suas bases na história – não é fim do mundo, mas o modo como Deus quer que a sociedade seja.**

3 Canção popular católica [Irá chegar].

4 ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Dias. O apocalipse, a força e esperança. São Paulo: Loyola, 2004.



buscaremos entender o sentido de resistência embutido no texto e nos corpos escritos na história recente da Amazônia. A libertação, por meio da resistência, é o centro das atenções na leitura que podemos fazer do Apocalipse. Revelar significa resistir. Para tanto, recorreremos a uma hermenêutica da afirmação e, também, a uma hermenêutica da suspeita. Paul Ricoeur [1994] chama a atenção para uma dupla motivação que anima a hermenêutica: vontade de suspeitar e vontade de escutar.<sup>5</sup>

Segundo Ricoeur [1994], perante a crise, temos uma dupla tarefa: por um lado, “colocar expectativas puramente utópicas em conexão com o presente por uma ação estratégica preocupada em dar os primeiros passos na direção do desejável e do razoável”; e, por outro lado, “resistir ao estreitamento do nosso espaço de experiência, liberando as potencialidades não utilizadas do passado”. O conceito de resistência pode desempenhar essa dupla função: por um lado, a resistência é uma forma de “ação estratégica” que aqueles que esperam a utopia podem realizar, que desestabiliza as estruturas de opressão, para acelerar a inauguração da utopia. Por outro lado, a resistência estratégica é uma potencialidade do passado que aqueles que encenam a utopia podem recuperar para informar as ações destinadas a desestruturar a opressão e engendrar o novo.

Como essas intuições podem nos ajudar na construção de estratégias de resistência a

partir das escutas, da hermenêutica de resistência da Querida Amazônia que ainda necessita de uma devolutiva ecoteológica para as nossas comunidades amazônicas? Qual resposta podemos oferecer ao clamor por uma Ecoteologia a partir do chão histórico e martirizado da Amazônia? Qual é a contribuição da Ecoteologia em tempo de Amazônia disputada e um mundo de conflitos? Qual é o nosso jeito de cuidar da Amazônia e da humanidade em tempos de conflitos? Em tempos de disputas? Somos chamados a resgatar a ancestralidade e força dos mártires dos nossos povos originários, de nossas comunidades que estão cuidando hoje da Casa Comum.

Para o Papa Francisco [2022]: “Juntos podemos e devemos estabelecer gestos de cuidado pela vida humana, pela proteção da criação, pela dignidade do trabalho, pelos problemas das famílias, pela situação dos idosos e dos abandonados, rejeitados e desprezados. Ser uma Igreja que promova uma cultura do cuidado, compaixão pelos fracos e luta contra todas as formas de degradação, inclusive a de nossas cidades e dos lugares que frequentamos, para que a alegria do Evangelho brilhe na vida de cada um: este é o nosso “bom combate”.<sup>6</sup>

5 RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Campinas: Papirus, 1994.

6 Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619931-sonho-de-francisco-uma-igreja-sem-correntes-e-sem-muros-que-nao-acumule-atrasos-diante-dos-desafios-de-hoje>.

# Ecoteologia- ecoespiritualidade: Aspectos ecológicos e socioambientais para a superação dos conflitos na Amazônia

Dr. Luiz Felipe Lacerda<sup>1</sup>

## Introdução

Um ponto de partida crucial para dialogarmos sobre Ecoteologia e ecoespiritualidade, frente aos conflitos socioambientais, é definirmos de que lugar compreendemos Ecoteologia. Particularmente, só posso dialogar com ela a partir do terreno da justiça socioambiental amparada na Ecologia Integral, a qual temos nos dedicado a apoiar sua construção e difusão, a partir da Encíclica *Laudato Si'*.

Entendemos por Justiça Socioambiental: “todas as ações que têm como objetivo colaborar para a superação das injustiças presentes em nossa herança histórica e reproduzidas pelo atual modelo de desenvolvimento gerador de desigualdades sociais e agressões ambientais” [JESUÍTAS2, 2021, p. 5].

Aqui duas concepções primárias também são evocadas:

- a) A necessidade de abandonarmos, de uma vez por todas, nossas práticas, nossas racionalidades e nosso vícios de linguagem que insistem em separar social de ambiental; pois são vícios ainda operados pela míope visão cartesiana que oferece apenas um mundo binário.
- b) Segundo, cabe uma reflexão sobre o que compreendemos por justiça. Para nós, o caráter equitativo é fundamental ao ideário de justiça. Nos termos do dicionário, equitativo é “virtude de quem ou do que [atitude, comportamento, fato etc.] manifesta senso de justiça, imparcialidade, respeito à igualdade de direitos” [Aurélio, 2020]. Em termos sociológicos, diriam Boaventura de Sousa Santos e Maria Menezes [2009], em *Epistemologias do Sul*, é o mecanismo que garante à todas as pessoas “o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza.”

Assim sendo, a dimensão da justiça na

---

1 Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida [OLMA]. Cátedra *Laudato Si'* [UNICAP].

2 Marco para a Promoção da Justiça Socioambiental [JESUÍTAS, 2021].



prática socioambiental se apresenta sob três grandes dimensões (JESUÍTAS, 2021):

- Estabelecer relações justas consigo;
- Estabelecer relações justas com os outros;
- Estabelecer relações justas com a Natureza/ com os Dons da Criação.

Portanto, são as históricas injustiças socioambientais, em nosso país, que desaguam na gênese dos grandes conflitos que enfrentamos hoje. Para nós do Observatório Nacional

de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), três são os grandes pilares que estruturam as desigualdades socioambientais no Brasil, a saber: o machismo, o racismo e o latifúndio.

Então devemos nos perguntar: a Ecoteologia encarnada a serviço da Amazônia, como desejamos sonhar e fazer, dialoga com as três dimensões de justiça supracitadas? Ela tensiona estes três pilares das desigualdades socioambientais em nossos territórios?



Aqui é prudente recordar também três fatos que destaco do pequeno texto sistematizado por Padre Dário Bossi em seu diálogo com Moema Miranda, para o III Seminário de Ecoteologia da REPAM. São eles:

- Estamos em uma guerra;
- Deveríamos pensar muito mais em uma Ecoespiritualidade do que em uma Ecoteologia, pois esta última, pode ficar à mercê de nossos esquemas mentais sobre Deus e religião;
- Em tempos de guerra, em tempos de crise, devemos repensar nossa imagem de Deus.

## Ecoteologia do diálogo com as diferenças

Se estamos em guerra, não há mais tempo para uma espiritualidade passiva. Percebam, não me refiro aqui a negação do pacifismo, pelo contrário, os moldes de Ghandi ou Cristo, aprendemos a força transformadora do ativismo pacífico e amoroso. Mas, efetivamente acabou o tempo de dialogarmos entre os mesmos grupos, é necessário abrimos fendas ao diálogo da diversidade.

Eu evoco Ghandi de forma proposital, para dizer que, se devemos ampliar nossa compreensão em direção a uma ecoespiritualidade, devemos superar o monólogo teológico e construir efetivamente espaços locais e cotidianos de diálogos inter-religiosos e inter-espiritual.

Em muitos lugares, temos negligenciado a força desses diálogos entre as diferenças, ao

ponto de torná-la, a diferença, ao olhos do senso comum, algo ameaçador. Uma parte significativa dos conflitos que assolam muitos locais, dentro e fora da Amazônia, é o preconceito religioso, espiritual, geralmente construído por pura falta de diálogo e desconhecimento do outro.

Aqui cabe redesenhar a ideia de ecologia. Ecologia não refere-se ao funcionamento de organismos vivos, seus processos de manutenção da vida, entre outros. Isso está no campo da Botânica, da Biologia. Ecologia é a relação entre esses corpos. Não são os corpos em si, mas a qualidade da relação que estabelecem entre eles é o que interessa. Nas palavras de um dos pioneiros deste conceito, Ernest Haeckel [1834- 1919]:

*Ecologia é o estudo do inte-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio. É um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios, de tudo com tudo, em todos os pontos em todos os momentos, formando um auto sistema equilibrado e autorregulado [HAECKEL, 1866, p. 133.].*

Neste sentido, a Ecoespiritualidade que constrói relações justas, combatendo as discriminações ao apostar no diálogo inter-religioso, só pode ser compreendida como uma Ecologia de Saberes, como diz Boaventura [2002]. Aqui o meu convite é direto: se desejamos fazer mais e melhor, vamos dedicar nossas energias de maneira radical no diálogo inter-religioso.



## Incidência na formação humana

Outra boa fórmula da Psicologia fenomenológica ou humanista é esta: apenas temos cuidado com aquilo que temos afeto; apenas temos afeto por aquilo que temos vínculo e apenas temos vínculos com aquilo que convivemos cotidianamente.

Com essa fórmula, pensemos a vida escolar de uma pessoa no Brasil, que, de acordo com o Anuário da Educação Básica [2022], em média fica 10 anos vinculada a uma organização de ensino (no mínimo 05 horas por dia, no mínimo 5 dias da semana): qual convivência cotidiana com a Natureza estamos ofertando para essas crianças e esses jovens, durante estes anos de vida escolar? Como desejamos ter adultos afetivamente vinculados com a Natureza se ofertamos para crianças e adolescentes uma formação materialista e conteudista? Isto está posto ao longo de todo o documento de referência do Pacto Educativo Global [FRANCISCO, 2019]: repactuar a educação é repactuar a construção do humano e está repactuação deve ser através da oferta de uma convivência pedagógica com a Natureza.

São centenas de escolas católicas no Brasil, milhares de pessoas em formação. Estamos sendo negligentes com a importância de incidirmos na formação humana por meio de experiências ecopedagógicas. E aqui se engana quem não encontra a Ecoteologia, ou a ecoespiritualidade presente. Nesta seara, existe um chamado explícito para repensar o ensino das ciências da religião em nossas escolas.

Assumamos: parte importante do que está acontecendo, hoje, é porque a nossa educa-

ção foi captada pelo mercado, pela mercadoria, e pelo utilitarismo. Em muitos casos, nossas estruturas educativas são reprodutoras deste antropocentrismo ao qual desejamos fazer frente. Leonardo Boff [2015, p. 9], em *O Grito da Terra e o Grito dos Pobres*, diz:

Essa lógica quebrou o pacto natural com a Natureza e o frágil equilíbrio do Sistema Vida e do Sistema Terra, construído com grande sabedoria por 13 bilhões de anos de trabalho da evolução. Rompeu com a aliança de fraternidade do Ser Humano com a Terra e destruiu seu sentido de reciprocidade, mutualidade e de re-licação, com todas as coisas.

Neste livro, Boff apresenta uma nova síntese da Teologia da Libertação. Ele defende uma Teologia da Libertação amparada na Carta da Terra e na *Laudato Si'*, para a formulação de uma Teologia da Libertação Ecológica. Nesta perspectiva, Boff [2015] defende a existência de mais uma camada da vida na Terra, a Teosfera que une o Panteísmo [Deus está em Tudo] com o Panenteísmo [tudo é Deus, sem diferença].

Então o autor se pergunta: Como sobreviver juntos, Seres Humanos, Natureza e Terra? Como salvaguardar o criado com justiça, participação, integralidade e Paz? Ao responder estas perguntas, aponta-nos o que denominou de Terapias ecológicas, com possíveis caminhos: A Ecotecnologia [E. Turrini – O Caminho do Sol]; a Ecopolítica: a justiça ecológica [H. Leis – Ecologia e Política Mundial]; a Ecologia mental e a Ecologia social [Guatarri]; a Ecologia



da subjetividade coletiva [C. Jung]; a Ética Ecológica e a responsabilidade pelo Planeta [H. Jonas] e a Ecologia profunda e integral [NAES]. Deste conjunto, harmonicamente engajada, surgiria, inclusive, a Ecologia Integral, proposta pelo Papa Francisco.

## Que espiritualidade é esta de cunho ecológico?

Como pensar, em termos ecológicos, uma espiritualidade impregnada pela égide da razão? Antropocêntrica? Materialista? A própria ciência moderna já convenceu-se da incapacidade do método fragmentado cartesiano. Maturana e Varela [2001], assim como Fitjof Capra [2012], afirmam que, no paradigma clássico, o universo possui um lado fenomênico [aquilo que pode ser descrito]. E possui também um outro lado, sua interioridade e espiritualidade. Anteriormente, estas duas realidades corriam em paralelo: ciências do espírito de um lado e ciências da natureza do outro. Mas após as abordagens da física quântica, provou-se que não se tratam de dois mundos paralelos, mas de dois lados do mesmo mundo. Pensando quanticamente, cada processo é indivisível, o universo de cada fenômeno são vistos como resultado de uma **cosmogênese** e uma das características centrais da cosmogênese é a autopoiese. **Autopoiese** significa a força da autocriação e da auto-organização presente no universo de cada ser, desde os primórdios da criação.

Um avanço, nesta concepção científica, encontra-se no chamado de alerta que povos das florestas têm nos ofertado sobre o perigo

da Cosmovisão. Nosso sentir-pensar foi docilmente – diria Foucault, domesticado para compreender tudo por meio do circuito visão-cognição. Contudo, estes povos nos ensinam que visão-cognição não é a única e nem sequer a primeira ferramenta necessária para apreender coerentemente o mundo. Cosmovivências ou cosmopercepções são mais adequadas nesta abordagem. Muito povos dos Andes, assim como alguns povos de áreas de várzea da Amazônia venezuelana, têm optado, em vez de pensar, refletir, meditar, em *Corazonar* os fenômenos. Sentir-pensar com o coração. Isto é uma escola, exige treinamento da mesma forma como as práticas religiosas de oração mais exigentes [WEIR, 2022].

Nas palavras de Boff [2015, p. 37]:

Junto ao *logos* [razão] está o *eros* [vida e paixão], o *phatos* [afetividade e sensibilidade] e o *daimon* [a voz interior da natureza e da consciência]. A razão não é nem o primeiro nem o último momento da existência. Nós somos também afetividade, desejo, paixão, comoção, comunicação e atenção. Conhecer não é apenas uma forma de dominar a realidade, conhecer é também poder entrar em comunhão. Impõe-se de ecologizar tudo que fazemos e pensamos, rejeitar os conceitos fechados, desconfiar das causalidades unidirecionadas, propor-se a ser inclusivo com todas as exclusões, conjuntivo contra todas disjunções, holístico contra todos reducionismos e complexo contra todas as simplificações.” [37].



Aqui temos outro chamado para esta Ecoespiritualidade: precisamos aprender e ensinar outras formas e outros sentidos de apreender o mundo. Efetivamente, sob esta abordagem, não deveríamos pensar na figura de Deus e de nossa espiritualidade de maneira muito mais imanente do que transcendente? Eu percebo que aqui assenta a ideia de Teosfera de Boff [2015].

O tema é polêmico, o próprio Spinoza [2003], no século XVII, foi perseguido, excomungado e exilado por defender essa perspectiva da imanência de Deus, em seu *Tratado Teológico Político*, anunciando as três ilusões: A ilusão das causas finais: “Acreditamos que o universo foi feito só para nós. “A ilusão teológica: a tese paralelista de Spinoza nega qualquer ligação de causalidade e recusa a relação hierárquica entre corpo, mente e espírito. A ilusão dos decretos livres: “Acreditar que a consciência e o metalismo pode resolver todas as coisas.”

Nosso objetivo não seria o de fazer perceber e sentir que a Natureza é uma das formas encarnadas de Deus?

Quem sabe possamos apreender algo com algumas religiões orientais como o xintoísmo? *Shintō* é o sistema espiritual indígena e animista do Japão, datando de quando as ilhas foram habitadas pela primeira vez por humanos, há mais de 30.000 anos. *Shintō* não tem Teologia e é fundada no animismo baseado na natureza, xamanismo, politeísmo, panteísmo e veneração de espíritos ancestrais. *Shintō* equivale à “crença ou fé em kami”, ou “o caminho pelo qual buscamos nos realizar plenamente como seres humanos adquirindo o nobre caráter de kami”. *Kami* [plural: kamigami] são divindades

criadoras, alguns são divindades da natureza, e alguns são ancestrais, ou mortais que foram deificados. O conceito de *kan’no* significa responder à natureza como deidade e sentir-se admirado por ela na mente [uma só]. Quando as pessoas sentem a bênção da natureza, sentem que estão em um com *kami*. A existência de *kami*, porque eles são em sua maioria invisíveis, baseia-se mais do que apenas na fé; é uma experiência sentida, perceptível por meio da capacidade de ser sensível às coisas do mundo fenomenal.

Também aqui, nos nossos quintais amazônicos, fecundam, de gerações a gerações, outras formas de viver a espiritualidade, de conviver com a Natureza, dentro e fora de nós. As práticas da imersão, dos retiros ecológicos, por exemplo, são práticas que deveriam ser itinerantes pelo Brasil, ofertando aos interessados e as interessadas, melhores possibilidades de reconectar por meio da imanência. Ao transitar por diferentes territórios, esta ecoespiritualidade encontrará também a possibilidade de dialogar com cultura e ancestralidade. São nelas que residem o esperar dos povos frente a tantas violações.

Enfim, as variações são muitas e podem nos ofertar inúmeros caminhos. Todos eles devem nos levar a viver em nós e ajudar aos demais a viverem em si uma experiência inovadora e inspiradora com a Natureza, deixando-se entrar nesse plano de imanência, justamente para transcender. Aqui, imanência e transcendência não são opostos, pelo contrário, o primeiro mostra-se como caminho ao segundo. O que buscamos fora está em nós e em tudo o que é vivo e nos rodeia, inclusive o próprio planeta.

## Referências

ANUÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA [2022]. **Anuário da Educação Básica – 2020** Disponível em: <https://www.moderna.com.br/anuario-educacao-basica/2020/brasil-principais-dados-e-indicadores-de-desigualdade.html>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BOFF, Leonardo. [2015]. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres: Dignidade e direitos da mãe terra**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes.

CAPRA, F. [2012]. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Tradução: Newton Roberval Eicheberg. 1. ed. São Paulo: Cultrix.

DICIONÁRIO AURÉLIO [2022]. Equidade. **Dicionário Aurélio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

EDUCA MAIS BRASIL. Xintoísmo. Educa + Brasil, 14 dez. 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/xintoismo>. Acesso em: 20 jul. 2022.

FRANCISCO, Papa. [2015]. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. Tradução da Editora do Vaticano. São Paulo: Paulus/ Loyola.

FRANCISCO, Papa. [2020]. **Pacto Educativo Global**. Tradução da Editora do Vaticano. São Paulo: Paulus/ Loyola.

HAECKEL, E. H. [1866]. *Generelle Morphologie*

der Organismen allgemeine Grundzuge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformirte Descendenz-Theorie von Ernst Haeckel: v.2, Verlag von Georg Reimer.

JESUITAS, Brasil [2021]. **Marco para a Promoção da Justiça Socioambiental**. Disponível em: <https://olma.org.br/2022/06/13/lancamento-2a-edicao-atualizada-marco-de-orientacao-da-promocao-da-justica-socioambiental/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MATURANA, H.R. & VARELA, F.J. [2001]. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução; Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Pala Athenas.

SANTOS, Boaventura [2002]. **Por uma sociologia das ausências e das emergências: contra a lógica do desperdício**. Petrópolis- RJ: Editora Vozes.

SANTOS, Boaventura; MENEZES, Maria [2009]. **Epistemologias do Sul**. Coimbra – Portugal: Edições Almedina.

SPINOZA, Baruch [2003]. **O Tratado Teológico-Político**. São Paulo: Martins Fontes.

WEIR, José Ángel Quintero [2022]. **Bem-viver e bem-conviver: A ontologia política do pensamento indígena**. Amazônia Latitude. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2022/02/16/curso-online-bem-viver-e-bem-conviver-a-ontologia-politica-do-pensamento-indigena/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

# Violências e a capacidade de resistir e descortinar a esperança



**Marie Henriqueta Ferreira Cavalcante<sup>1</sup>**

*A Amazônia apresenta uma realidade desafiadora no que tange a questão de violação dos direitos humanos. São muitos os problemas sociais a serem enfrentados. No entanto, a violência urbana e rural contra crianças, adolescentes e mulheres tem se destacado, sobretudo em locais onde o Estado não garante a chegada e/ou a efetividade das políticas públicas.*

<sup>1</sup> Coordenadora da Comissão Justiça e Paz-CNBB N2. Presidente do Instituto de Direitos Humanos Dom José Luís Azcona.

**A**qui tratarei especificamente da realidade da violência sexual contra crianças, adolescentes e mulheres e o tráfico de pessoas, sem qualquer pretensão conclusiva, até porque nunca chegaremos a esgotar, com precisão, uma reflexão que consiga enxergar a realidade como um todo. Quero, apenas partilhar experiências contempladas e vividas em nosso chão amazônico.

Precisamos compreender que há diversidade de manifestações, formas e graus de tolerância quanto à violência. É um fenômeno constante na história das civilizações. Não há sociedade sem violência.



## Qualquer tipo de violência:

- Causa negação da cidadania, do amor, da vida;
- Fere a dignidade humana;
- Trata a pessoa como objeto, desumaniza;
- Causa perda de autonomia;
- Gera uma relação de assimetria/ desigualdade.

O contato direto com a realidade tem me interpelado continuamente e motivado a não calar, mesmo tendo que sofrer as consequências do compromisso de defender vidas indefesas, maltratadas e violadas em seus direitos, principalmente por meio da utilização e comercialização sexual de pessoas. Choca-me, cada vez mais, o tráfico para fins de

exploração sexual, uma forma de violência na qual o explorador obtém lucro financeiro à custa de uma forma abominável de escravidão. Predominantemente, esse tipo de exploração acontece por meio de redes criminosas que incluem a exploração sexual, o tráfico de pessoas e de drogas. Infelizmente, existe um “silêncio” em relação à situação de prostituição, em meio à carência econômica e social.

Minha atuação direta e constante com a população local me levou a mergulhar na realidade cruel de pessoas que, lamentavelmente, sofreram e sofrem abusos e violações e não há dúvidas da negligência das autoridades quanto à insuficiência de mecanismos de proteção e de direitos para o público infanto-juvenil ribeirinho e quilombola. Assim como a carência de direitos, as limitações materiais e sociais





também são motivações impulsionadoras para muitas crianças e muitos adolescentes trocarem a escola pela convivência com a rotina de violência nas balsas.

Diante dos relatos, da dor das vítimas e de seus familiares e do contexto onde essas pessoas vivem, sem perspectivas, sem a presença do Estado, sem que lhes garantam a implantação de políticas de educação, profissionalização, segurança pública e outras, e, ao ver muitos profissionais e servidores públicos descomprometidos, indiferentes, cresce em mim um forte sentimento de indignação e uma grande sede de justiça.

Apesar da existência de leis que conferem proteção legal a crianças e adolescentes, determinando os parâmetros de sua aplicação, o que constato é que esses direitos são frequentemente negligenciados e seres humanos em formação sofrem inúmeros tipos de violência.

O cenário de violência e de exploração sexual, tão marcante no Estado do Pará, concentra-se em áreas ribeirinhas. Assim como em outros locais, a ocupação desordenada, tanto em âmbito urbano, quanto rural, trouxe impactos desreguladores das estruturas sociais, levou à superpopulação, com insuficiente infraestrutura de serviços públicos básicos, causando a alteração da cultura local e do modelo de produção e consumo. Estas questões, entre outras, levam as famílias, incluindo as crianças e os adolescentes, a que recorram, até com certa naturalidade, ao “mercado do sexo” como alternativa de renda para a sobrevivência e realização do sonho de consumo.

É triste, por exemplo, constatar a realidade

das meninas e dos meninos que sobem nas balsas e que ficam sujeitas aos caprichos dos perversos que, de forma desumana, aproveitam da miséria de verdadeiras crianças para submetê-las a brutal exploração sexual. Esse fenômeno da exploração sexual infanto-juvenil nas balsas do Marajó não é algo distante da nossa realidade ou desconhecido totalmente, uma vez que os veículos de comunicação assumem a responsabilidade de veicularem notícias sobre a situação.

A exploração sexual de crianças e adolescentes é uma atividade criminosa, pois está interligada com outras atividades, como tráfico de drogas e tráfico de pessoas, e também a problemas sociais tais como: gravidez precoce, disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, evasão escolar e aumento da criminalidade.

Na verdade, a exploração sexual nas embarcações é também determinada pela própria sobrevivência dessas vidas indefesas e de suas famílias. Não há dúvida de que o fato de muitos meninos e meninas submeterem-se a tal situação traz várias consequências, entre elas o abandono escolar, perpetuando a pobreza e a miséria e seu círculo vicioso medonho.

Diante da destruição da vida é impossível nos calar! É impossível observar todo esse cenário de violência sem defender o que precisa ser defendido, quando a vida de tantas crianças, tantos adolescentes, jovens, homens e mulheres, **é violada** por práticas criminosas, tais como a violência doméstica, o extermínio da juventude, a exploração sexual, o tráfico de pessoas, o tráfico de drogas e outras mazelas presentes em tantas vidas.



Destaco o enfrentamento da violência sexual e do tráfico de pessoas, especificamente na Ilha do Marajó, localizada na foz do Rio Amazonas e que ficou conhecida no noticiário nacional e internacional por atingir o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) municipal do Brasil, na cidade de Melgaço.

A Região Marajoara, com seus 16 municípios, reflete essa situação de extrema pobreza. Uma realidade comum do cenário paraense dessa localidade com elementos diversos que constituem o imaginário amazônico dentre as casas de palafitas e de edificações mistas. Mas, historicamente, com inúmeras carências de serviços públicos, bem como sem quaisquer condições básicas de saneamento e de energia elétrica.

Parte da população do Marajó vive com renda *per capita* inferior a meio salário mínimo. Essa pobreza trouxe uma realidade de violências, agravada pelo descaso do poder político com pouco comprometimento. Além de que há o anseio da população por melhorias urgentes. Assim como a existência de formas de exploração a partir de redes de tráfico orquestradas e influentes, no que tange a comercialização de drogas ilícitas e, mais preocupante ainda, a exploração sexual de crianças e adolescentes.

Alguns levantamentos de cenário, em localidades no Marajó, apresentaram de maneira grave o envolvimento de crianças e adolescentes, com predominância do sexo feminino, motivados por várias denúncias sobre a circulação de redes criminosas para a exploração sexual, considerando sua pior forma que é o tráfico de pessoas para fins sexuais e comerciais.

Nos municípios do Marajó, é comum encontrar crianças e adolescentes circulando entre as embarcações. Os barcos são locais onde acontecem abuso e exploração sexual, em troca de óleo ou restos de comida, e também são meios de transporte das vítimas do tráfico de pessoas.

A ilha do Marajó, por estar em região fronteiriça e próxima da Guiana Francesa, apresenta uma situação de fragilização social [COHEN, 2014, n.p]<sup>2</sup>.

Segundo Dom José Luis Azcona, no artigo *Assim é o Marajó real*, de Mary Cohen [2014, n.p]: “Marajó está se convertendo num lugar de perversão, de criminalidade, precisamente pela ausência do Estado. O Brasil tem que olhar para toda essa Região da desembocadura do Amazonas”<sup>3</sup>.

Tráfico para fins de exploração sexual de crianças e adolescentes envolve atividades de aliciamento, rapto, transferência e hospedagem da pessoa recrutada para esta finalidade. É comum esta prática ocorrer, de forma mascarada, por “agências” de modelo, turismo, trabalho internacional, namoro ou matrimônio. Muitos jovens, seduzidos por uma rápida mudança de vida ou sucesso fácil, embarcam

---

2 COHEN, Mary. *Assim é o Marajó real*. Amazônia Real, 19 jan. 2014. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/assim-e-o-marajo-real/#:~:text=%E2%80%9CMaraj%C3%B3%20est%C3%A1%20se%20convertendo%20num,Amazonas%E2%80%9D%2C%20disse%20Dom%20Jos%C3%A9>. Acesso em: 08 ago. 2022.

3 Idem.



para outras cidades maiores, estados ou para outros países, e lá se veem forçados a entrar no mercado da exploração sexual comercial.

Neste contexto de vulnerabilidades acumuladas, o enfrentamento à violência sexual e ao tráfico de pessoas em nossa região transcende o ato de libertar ou socorrer as vítimas, impõem a necessidade de um processo articulado de formação e mobilização social, capaz de eliminar os mecanismos que o reproduzem: Ganância- Miséria e Impunidade.

A Amazônia, historicamente, defende liberdade e dignidade em nome de causas justas. Nessa visão amazônica, incontáveis mulheres invisíveis e visíveis e homens derramaram e derramam sangue, suor e vida em nome de uma causa. Essas pessoas imaginavam e imaginam um território diferente do que lhes foi e é oferecido. Foram e são tantas causas, tantas resistências, tantas batalhas perdidas, pouco sucesso. Mas algumas festejadas vitórias estimulam e encorajam para que outras causas e outras lutas sejam enfrentadas e vencidas.

É assim que nós, defensoras e defensores de direitos humanos, sentimo-nos motivados [as] para continuarmos em defesa de direitos, embora a pobreza, a desigualdade socioeconômica, o racismo, o preconceito social, e as violências continuem tão presentes em nossa realidade. No entanto, temos a esperança que por meio de nossa resistência e capacidade de descortinar a esperança, dias melhores virão. “Não tenhas medo, continua a falar e não te cales, pois eu estou contigo” [At 18,9].

## É importante:

- **RESISTIR E DENUNCIAR** as injustiças, a partir da comunhão e da experiência pessoal com Deus;
- **DESCORTINAR A ESPERANÇA** sem desanimar, mesmo tendo de enfrentar perseguições e ameaças por ter a coragem de levantar a voz em favor da dignidade humana.

O enfrentamento de um problema tão complexo como a violência requer medidas igualmente complexas, adotadas em diversas áreas: educação, saúde, assistência social e direitos humanos. Atualmente, temos programas importantes, mas essas estratégias precisam de ampliação e aperfeiçoamento.

Adotar estratégias de geração de emprego e renda para as famílias das crianças em situação de risco.

Concluo apresentando alguns apelos essenciais para a superação e enfrentamento das violências:

- a) A necessidade de uma articulação mais ampla com as instituições, para poder realizar um trabalho integrado de enfrentamento, uma vez que as redes criminosas são bem organizadas;
- b) Realizar um trabalho de enfrentamento ao tráfico de pessoas, da violência sexual, de formação e sensibilização da sociedade, fazendo com que as pessoas estejam informadas e não caiam na trama das organizações criminosas;
- c) Ampliar a rede de enfrentamento; estar



- mais presentes nas escolas, nas pastorais, nos conselhos e demais organizações da sociedade civil;
  - d) Envolver e fortalecer a população local, oferecendo instrumentos com o objetivo de criar redes sistêmicas de ação;
  - e) Promover a visibilidade do tema por meio de campanhas e mobilizações socioeducativas;
  - f) Ocupar espaço que possibilite o diálogo com os diversos órgãos que integram o Poder Público, em todas as esferas;
  - g) Enfrentamento à pobreza e à desigualdade socioeconômica.
- “É inadmissível deixarmos o mundo tal qual o encontramos.”*  
*[Janusz Korczak]*



# O SÍNODO DA AMAZÔNIA: perspectivas de continuidade três anos depois



José Reinaldo F. Martins Filho<sup>1</sup>

## Introdução

**D**esde 2013, a Igreja testemunha um particular tempo de graça, de conversão e de autoavaliação sobre sua identidade e seu

compromisso com os de dentro e os de fora de seus umbrais. Como epicentro articulador deste movimento, certamente está o processo de construção iniciado pelo Papa Francisco, o primeiro bispo latino-americano eleito para assumir a presidência do colégio apostólico, e, talvez justamente por isso, capaz de praticar um olhar “desde a marginalidade”, desde as periferias existenciais e materiais de um mundo globalizado. Pouco a pouco, os sinais de seu ministério foram [e vão] se fazendo notar, chegando ao marco de nove anos desde sua eleição com uma variedade notável de conquistas, algumas mais sensíveis que outras. Nesse rol, devemos, certamente, dar destaque ao significado e, so-

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutor em Filosofia e em Ciências da Religião. Docente efetivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: jreinaldomartins@pucgoias.edu.br.



bretudo, ao alcance do Sínodo Extraordinário para a Amazônia, celebrado em 2019, após um frutuoso período de preparação, e cujos resultados ainda se encontram em curso de amadurecimento.

De minha parte, considero tratar-se de uma iniciativa bastante emblemática, servindo não apenas ao seu objetivo mais imediato – isto é, a consolidação de uma rede, de um círculo eclesial orientado para as necessidades e particularidades do rico território amazônico – mas alargando-se rumo a adoção de novos perfis de consideração da eclesialidade de maneira geral; ou, como tive a oportunidade de dizer em outro momento, reverberando como um “grito da Amazônia para o mundo”. Sobre isso, são para mim bastante contundentes as palavras lançadas no n. 105 da Exortação *Querida Amazônia*, documento que, já desde o título [em português/espanhol], demonstra seu ideal de aproximação e de uma inserção mais localizada no coração das vivências eclesiais, no chão amazônico: “[o momento presente] desafia-nos a superar perspectivas limitadas, soluções pragmáticas que permaneceram enclausuradas em aspectos parciais das grandes questões, para buscar caminhos amplos e ousados [...]”. Fala-se, então, de superação: de um lado, superação das “perspectivas limitadas” e, de outro, das “soluções pragmáticas”, apressadamente conclusivas e fixadas em aspectos não nucleares das grandes questões. Fala-se, além disso e sobretudo, da proposição de novos caminhos “amplos e ousados”, e é justamente para essa direção que precisamos voltar o nosso olhar.

O texto que segue, limitado à finalidade de inserir-se, como contribuição pessoal, em uma discussão mais ampla, constitui-se apenas como *uma tentativa* de salientar algumas das ênfases que podem estar em jogo no movimento propositivo ansiado por Francisco, com base no que se manifestou a partir do Sínodo da Amazônia. Isto é, a parcela que temos por responsabilidade como corpo eclesial ao qual nos integramos pelo batismo. Cada qual desde a riqueza carismática que possui.

## Uma Igreja em constante conversão

O movimento sinodal, protagonizado pelas comunidades amazônicas, deve ser percebido como parte de uma perspectiva mais ampla de conversão pastoral. Nisso toma parte uma variedade de outros sinais vindos à tona ao longo dos últimos anos, como demonstração da necessidade de um novo *aggiornamento*. Trata-se, a meu ver, de uma postura de contínua conversão, como bem realçado ao longo de todo o texto da exortação *Querida Amazônia*, mas que também se desdobra no anseio pela vivência da sinodalidade, que certamente passa por uma nova consideração a respeito dos ministérios eclesiais e da adoção de uma postura que substitua a ênfase nos *jogos de poder* pelo *paradigma do diálogo*, que sempre envolve disposição ao *encontrar-se*, mobilização à *escuta* de todas as partes envolvidas e real *discernimento*.

É o que só pode advir da experiência comunitária, na diversidade dos dons, carismas e ministérios. É o que demanda participação



popular. Desse modo, ainda que a seguir também possamos dar destaque para polos mais circunstanciais como possíveis ressonâncias do processo sinodal, em um primeiro momento, é preciso reconhecer a necessidade de sempre mais adesão ao novo modelo de Igreja querido por Francisco – modelo já vivenciado por várias comunidades [especialmente na Amazônia], mas não completamente assimilado em caráter institucional. Uma Igreja colaborativa, menos “farisaica” e mais “samaritana” [note-se, “samaritana”, e, por isso: feminina, estrangeira, pecadora, e, desde o seu despojamento, disposta ao encontro, à escuta, à conversão, ao anúncio profético].

## Ministérios a serviço da comunhão

Dando margem a uma interpretação já praticada por outros teólogos, uma das principais ênfases do processo sinodal, para mim, recai sobre a questão dos ministérios. Mais que isso, do urgente e necessário aprofundamento a respeito da teologia dos ministérios, em muito estagnada a formatos institucionais ligados ao atendimento de necessidades organizacionais de outro momento histórico. Em contraste com uma das mais ressoantes discussões do Sínodo, a questão da ordenação de homens casados ao ministério presbiteral, a recente experiência da pandemia do novo coronavírus trouxe elementos bastante elucidativos. De um lado, a recusa explícita de certos grupos ao que poderia ser uma alternativa à escassa participação de inúmeras populações amazônicas à vida sacramental, cujo ponto de culmi-

nância é a celebração da Eucaristia. De outro, a reivindicação compulsória destes mesmos grupos ante a interrupção das atividades presenciais em tempo de maior emergência pandêmica, pelo que se consideravam “no uso de seu direito”, quem sabe pervertendo o real sentido do batismo, transmutado em nova forma de segregação. Eis porque, deixando de lado uma discussão mais arrojada sobre a teologia dos ministérios, que, de certo, não pode ser encerrada no atual formato institucional, permito-me os seguintes questionamentos, aos quais somos convidados a responder de forma conjunta e honestamente: 1) Os ministérios atualmente disponíveis na dinâmica eclesial são suficientes para garantir a continuidade da evangelização e ação apostólica da Igreja na Amazônia, isto é, o conhecimento e o aprofundamento da mensagem evangélica, o seguimento de Jesus no exercício da vida comunitária e a participação nos sacramentos? 2) Uma discussão sobre a ministerialidade na Igreja estaria restrita ao âmbito dos ministérios ordenados, ou poderia se alargar na composição de um horizonte mais amplo de cooperação, tendo no Batismo a configuração necessária para a legitimidade do exercício ministerial em novos campos de atuação? 3) Haveria na estrutura organizacional da Igreja algum espaço para o exercício de ministérios instituídos a mulheres, com alcance não somente sobre as esferas de ação, mas, sobretudo, de decisão, já que essas representam a principal força em território amazônico? [MARTINS FILHO, 2020c]. O próprio Papa Francisco tem dado sinais de grande preocupação conquanto a es-



ses temas, pelo que uma série de iniciativas já podem ser vislumbradas, embora ainda reste um longo caminho pela frente.

## A nossa vida em Cristo: a inculturação

Outra grande tônica que pode ser aferida da experiência do Sínodo da Amazônia é a questão da inculturação. Considerada como um tema silenciado ao longo das últimas décadas, desde seu surgimento nas imediações do Concílio Vaticano II, trata-se de um dos grandes eixos que retornaram como força a partir do processo sinodal. Na verdade, já em outras passagens de seu magistério, Francisco havia deixado clara a importância da inculturação da fé, como etapa natural e necessária ao processo de evangelização. É o que encontramos no n. 122 da *Evangelii Gaudium*: “O ser humano ‘é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido’. Quando o Evangelho se incultura num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação”. Ao falarmos, portanto, de inculturação estamos defronte a um dos principais refrões do pontificado de Francisco, em pleno reconhecimento da situa-

ção de fragmentação das culturas, diluídas no amorfo da imposição capitalista, da crise das comunidades em favor dos individualismos, da consolidação da instantaneidade como o novo paradigma das relações e da violência como resposta a um estado de calamidades de ordem econômica, social, ambiental e humana.

Nesse contexto, falar de inculturação significa reconhecer a via de mão dupla sempre presente ao processo de evangelização e lugar do encontro como condição de acesso à participação na comunidade cristã. Embora a ênfase mais aparente seja a inculturação da liturgia, e realmente se trata de um movimento sumamente necessário [a inculturação de ritos e simbologias, no contato com as culturas autóctones e os costumes locais], há que se falar na adoção de uma postura ainda mais

abrangente, o que envolve a inculturação da evangelização e da construção de uma teologia inculturada [MARTINS FILHO, 2020b]. Os documentos do Sínodo amazônico, por exemplo, tratam a inculturação a partir da contribuição das culturas indígenas, ribeirinhas e quilombolas [entre outras]. Por isso, a composição de uma nova eclesialidade com ênfase amazônica não pode deixar de lado esse aspecto: não apenas inspirar-se nas culturas tradicionais, mas dar-lhes a palavra, ouvi-las no



**O movimento sinodal, protagonizado pelas comunidades amazônicas, deve ser percebido como parte de uma perspectiva mais ampla de conversão pastoral.**



que têm a ensinar. Essa é a postura de saída, de renúncia à detenção de um polo unidirecional na construção da Igreja e de adoção de um olhar multicêntrico. Assim, reconhecemos também a urgência por se consolidar uma teologia inculturada, amazônica, em que a fé refletida é familiar à fé vivida.

Embora muito já se tenha sido feito, há ainda o que se construir a respeito da formação teológica dos agentes de pastoral na Amazônia. No caso da Amazônia brasileira, parte significativa dos missionários que ali desenvolvem suas atividades foram formados em centros teológicos instalados em outros contextos do país. Ocorre que a realidade vivencial influencia diretamente a adoção de metodologias e ênfases para a operação da teologia. A realização de uma Igreja com “rostro e coração amazônicos” deve, portanto, passar pela consolidação de centros de estudo e pesquisa, que não prescindam das peculiaridades culturais, influências e dinamismo próprios à Amazônia, sabendo aprofundar a reflexão teológica à luz do diálogo com as diferentes culturas [até a consolidação da tão sonhada “teologia amazônica”, que será de libertação, que será decolonial e que ou estará disposta ao diálogo intercultural, ou restará impossível].

## **Em fraternidade, habitamos nossa Casa Comum**

Existe, enfim, um potencial bastante evidente em todas as construções que permanecerão como legado do Sínodo da Amazônia: a aposta em uma ecologia integral e,

quicá, no surgimento de um ideal de fraternidade para além dos limites do velho “paradigma antropocêntrico”. Baseado na ideia da primazia do ser humano, como primícia da criação de Deus, em vários momentos da história o próprio cristianismo tomou parte em processos de destruição da biodiversidade. Nosso tempo é, porém, outro; momento de reconhecer o estreito vínculo que nos mantém em sintonia com todos os demais seres, esclarecendo o real alcance e significado de nossa posição: ter precedência, nesse caso, implica em sermos completamente responsáveis.

Isso é o que foi explicitado, de forma bastante contundente, pelo Papa Francisco, em 2015, na encíclica *Laudato Si'* [um dos textos papais de maior impacto sobre o mundo moderno], mas que no Sínodo da Amazônia readquiriu particular importância, tanto numa perspectiva global – da Amazônia para o mundo – como local – da Amazônia para a própria Amazônia. Estamos, pois, no ponto de passagem de uma cosmovisão para outra, na consolidação de um novo formato a partir do qual nos relacionamos com a natureza. Ao contrário de outras épocas, dessa vez, o ser humano tem a oportunidade de participar positivamente das transformações, com consequências que poderão se alastrar até as próximas gerações [e que o vindouro seja promissor!] [MARTINS FILHO, 2020a]. Tal construção exige a articulação com organismos eclesiais e não eclesiais, com agências nacionais e internacionais de proteção e defesa do



ecossistema, mas também a promoção de uma política de vida e não de morte, como infelizmente temos assistido no Brasil. A eleição presidencial de 2022 será decisiva a esse respeito, mas também é preciso que concentremos nossos esforços na construção de uma boa base legislativa, não somente em nível federal, mas regional, que faça frente às investidas do mercado de consumo e exploração e, sobretudo, ao falso cristianismo hipócrita que perverte mentalidades e potenciais, reduzindo nossas comunidades a meros instrumentos de sua manipulação. Deixo, para todos nós, a seguinte pergunta: como estender o legado

ecológico do Sínodo na criação de mecanismos mais incidentes, com impacto para a vivência das comunidades eclesiais, com alcance social, político e econômico, micro e macrocósmico, a serviço de toda humanidade e da vida de maneira geral?

### **Para concluir**

Como prometido de início, as pistas de reflexão que aqui se estenderam almejam tão somente provocar o debate, fomentar a discussão necessária e característica do exercício da sinodalidade. Essa que, por sua vez, deve ser pensada como o único modo



de expressão do ser da Igreja, que não anula a participação e a comunhão, mas, ao contrário, promove e integra todas as partes do Corpo de Cristo. Também quanto a isso o Sínodo da Amazônia permanece sendo uma das mais belas manifestações eclesiais dos últimos tempos, quer pela potente participação das igrejas locais no processo de auscultação, ou, durante sua celebração em Roma, pela presença vibrante de lideranças leigas, mulheres, indígenas e demais representantes do rosto multicultural amazônico, em um rico e fraterno convívio do qual também de longe pudemos participar unidos em coração e espírito. Não me parece aleatório que, justamente após a sua realização, tenha sido formulado pelo Papa Francisco um novo modelo de exercício para o instituto do Sínodo dos Bispos, como mote para a recuperação da vivência da sinodalidade por parte da Igreja universal [MARTINS FILHO, 2022].

### Indicações de leitura

Elenco, a seguir, algumas indicações de leitura sobre o Sínodo da Amazônia, em que as intuições apresentadas nesta breve partilha podem ser consideradas de maneira mais detalhada. Os textos de minha autoria constituem apenas uma sinalização e não substituem a leitura integral dos documentos emanados pelo Sínodo, especialmente a exortação Querida Amazônia, do Papa Francisco, e o Documento Final do Sínodo da Amazônia.

FRANCISCO, papa. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia**. Vaticano, 2020. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20200202\\_querida-amazonia.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html). Acesso em: 12 fev. 2020.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. A sinodalidade como refrão: contribuições à identidade eclesial. **Perspectiva Teológica**, v. 54, p. 133-154, 2022.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da Laudato Si' ao Sínodo para a Amazônia. **Atualidade Teológica**, v. XXIV, p. 104-126, 2020a.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. O Papa Francisco e o Sínodo amazônico. Novos impulsos para a inculturação. **REB. Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 80, p. 232-261, 2020b.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. Uma Igreja sinodal e ministerial: novos impulsos para a Amazônia e o mundo. **Perspectiva Teológica**, v. 52, p. 755-773, 2020c.

SÍNODO DOS BISPOS. Documento Final. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica, [2019. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20191026\\_sinodo-amazonia\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html). Acesso em: 20 nov. 2019.

# Sínodo da Amazônia e Espírito/Divina Ruah nos desafiam a superar bloqueios e inércias: transbordando novos caminhos para Igreja



Ima Vieira<sup>1</sup>  
Tea Frigerio<sup>2</sup>

Iniciemos a conversa parafraseando a apresentação do PNV 382 do CEBI “Escutar o Divino que emana da Amazônia”.

1 Ecóloga, assessora da REPAM.

2 Exegeta, teóloga ecofeminista.

Este Sínodo se desenvolve ao redor da vida: a vida do território amazônico e de seus povos, a vida da Igreja, a vida do planeta. Como refletem as consultas às comunidades amazônicas, a vida na Amazônia se identifica, entre outras coisas, com a água. O rio Amazonas é como uma artéria do continente e do mundo, flui como veias da flora e da fauna do território, como manancial de seus povos, de suas culturas e de suas expressões espirituais. Como o Éden



[Gn 2,6], a água é nascente de vida, na qual tudo está interligado [LS, n. 16, 91, 117, 138, 240]. “O rio não nos separa, mas nos une, ajuda-nos a conviver entre diferentes culturas e línguas [ILSA<sup>3</sup> n. 8].

Palavras que nos convidam, ainda hoje, a subir na canoa do Sínodo e fluir juntos as águas do Rio Amazonas. “*E bom que agora sejais vós próprios a autodefender-vos e mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos escutar-vos*”. Assim se expressou Papa Francisco, em janeiro de 2018, em Porto Maldonado [Peru]. O Sínodo para Amazônia, nas suas palavras, foi uma convocação a nos colocar em atitude de *escuta*.

*Escutar*, abrir os ouvidos a Mãe terra nossa casa comum, aos povos originários, quilombola, amazônica, à desafiadora realidade urbana... *Escutar...* *Escutar* as comunidades cristãs disseminadas ao longo dos rios, embrenhadas na floresta, vivendo e sobrevivendo nas periferias urbanas e que anseiam por uma Igreja com rosto amazônico, em sua pluriformes matizes, procura ser uma igreja em saída [EG, n. 20-23], que deixa atrás de si uma tradição colonial monocultural, clericalista e impositiva, que sabe discernir a assumir sem medo as diversificadas expressões culturais dos povos [ILSA n. 110].

*Escutar* as grandes culturas originais, depois de quase havê-las exterminadas, e os milhões de africanos escravizados. *Escutar* e assumir o compromisso que se impõe de contribuir a se refazerem

biologicamente, resgatar sua sabedoria ancestral de verem reconhecidas suas tradições religiosas e espirituais de comunicação com o Divino.

*Escutar* e acolher o desafio que a comunhão na fé cristã não tem o colorido da uniformidade e assim acolher a busca de sua própria síntese de forma a dar origem a um cristianismo original, sincrético, afro-indígena-latino-americano. *Escutar...* *Escutar*, verbo fundamental... *Escutar* é atitude do discípulo, da discípula [Is 50,4-5]. *Escutar...* *A Palavra se faz carne e coloca sua tenda na Amazônia* [João 1,14]. *Escutar...* *Escutar* a voz da ciência que nos provoca a olhar cara a cara o modelo de desenvolvimento do qual fazemos parte.

## Os conflitos socioambientais e a resistência dos povos da Amazônia

Experimentamos, na Amazônia, um modelo de desenvolvimento exógeno, baseado na expropriação de terras, na exportação de matérias-primas e na mercantilização dos bens naturais que é causador de desigualdades e injustiças socioambientais irreparáveis.

Na segunda metade do século XX, um grupo de ativistas, cientistas, ONGs, governos e outros passou a debater o problema de uma crise ambiental planetária e a organizar encontros e produzir vários documentos e acordos internacionais, com a intenção de mitigar os efeitos da degradação ambiental. É nesse contexto que a Amazônia passa a ser compreendida como componente fundamental de um conjunto de megaprocessos ecológicos interligados que ga-

3 Instrumentum Laboris do Sínodo Amazônico.



ranterem o equilíbrio ambiental em escala global.

As intensas mudanças no uso da terra, que implicam em taxas crescentes de desmatamento e de degradação florestal, via extração de madeira, trouxeram para a região amazônica uma nova realidade marcada pelos grandes incêndios florestais. Com isso, a Amazônia está experimentando um novo regime climático, marcado pela ocorrência de secas mais prolongadas e intensas, com maior frequência. O resultado disso são incêndios florestais que são muito prejudiciais às comunidades locais e ameaçam os meios de subsistência locais, queimando áreas de extrativismo, roças e residências.

Podemos dizer, então, que além dos territórios das populações tradicionais serem o alvo principal das disputas na Amazônia, eles estão ameaçados pela degradação ambiental – uma sinergia entre desmatamento, mudanças climáticas e grandes incêndios florestais.

Apesar do cenário de dificuldades vividas pelos povos da região, a união de diferentes grupos tem consolidado uma importante estratégia de resistência para o enfrentamento a um modelo de desenvolvimento que traz conflitos, ameaças ambientais, mortes e viola direitos. Tais atos de resistência têm se mostrado decisivos à permanência e manutenção dos modos de vida desses povos na região. Na “Carta dos Povos da Amazônia”<sup>4</sup>, os movimentos sociais defenderam a Convenção nº

169 da Organização Internacional do Trabalho [OIT], a qual lhes garante direito ao território, o fortalecimento da agroecologia como alternativa ao modelo capitalista de agricultura e o reconhecimento e proteção dos modos de viver e fazer das comunidades tradicionais.

A experiência comunitária de “salvação” do povo da Amazônia surge da esperança, simbolizada pelos que tombaram na luta, iluminada pela ecologia integral da *Laudato Si’*. O grito da Terra e o grito dos povos ecoam na Igreja na Amazônia - a Igreja “se compromete a ser aliada dos povos amazônicos para denunciar os ataques contra a vida das comunidades indígenas, os projetos que afetam o meio ambiente, a falta de demarcação de seus territórios, bem como o modelo econômico de desenvolvimento predatório e ecocida”<sup>5</sup>.

A destruição avança em direção a maior floresta tropical do mundo e, para enfrentá-la, precisamos escancarar as críticas ao modelo de desenvolvimento atual, predatório, que tem favorecido os interesses particulares de poucos, e não o interesse comum. É preciso também olhar para dentro da Amazônia e compreender e reconhecer os saberes das diversas sociedades que habitam a Amazônia para estabelecer relações respeitadas, negociadas, inclusivas, circulares e decoloniais.

**Oparadigmaecológicoodevegestar-sea**

---

4 Carta dos Povos da Amazônia. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/Carta-dos-Povos-da-Amazonia.pdf>.

---

5 Documento Final, Sínodo para a Amazônia. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20191026\\_sinodo-amazonia\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html).



partir da eco-sabedoria que permita conhecer e compreender os ritmos da oikos e, assim facilitar a convivência... Eco-sabedoria mística baseada na austeridade e não violência, na gratuidade e no serviço, no cuidado e na compaixão, na busca de uma autêntica espiritualidade e ética ecológica. Uma consciência ecológica radical que nos levará às raízes, ajudando-nos a construir uma maneira nova de inter-relacionamento com tudo [FRIGERIO, 2021].

Isso nos convida a colocar em crise nossa imagem de Deus, do Divino. Uma certa imagem de Deus, do Divino legitima o domínio sobre, a destruição, o poder sobre, certa ordem a ser reestabelecida, as hierarquias. O corpo terra, os nossos corpos, a realidade vivida desmontam nossas certezas, provocam-nos à conversão do pensamento, convidam-nos a reinventar a imagem do Divino.

O Sínodo da Amazônia nos convida à conversão, ou poderíamos dizer nos convida a uma revolução sociocultural, ecológica, eclesial, mas, à raiz disso, urge acontecer uma conversão, revolução teológica que possa se reverter numa ecoespiritualidade que seja a seiva que alimenta atitudes e comportamentos éticos transformadores. Seiva de vivência em que nossos corpos já não se relacionam com os outros corpos como separados, mas interligados, interconexos, empaticamente, capazes de ouvir o grito da Terra e dos Povos, escutá-los, assumi-los em nossas práticas.

O corpo se torna um lugar teológico, mul-

tiétnico, de diálogo inter-religioso cujo os principais interlocutores são os últimos, a quem devemos escutar por um dever de justiça, de quem devemos aprender a cuidar da Mãe terra, conjugando a sabedoria ancestral com a sabedoria dos nossos textos sagrados.

## Ecoespiritualidade

*A Sabedoria construiu Sua casa,  
Ela ergueu Suas sete colunas.  
Ela abateu Seus animais,  
Ela misturou Seu vinho,  
Ela pôs também Sua mesa.  
Ela enviou Suas ministras  
para chamar desde os lugares mais altos na  
cidade ...*

*– Vinde comer do meu pão  
e beber do vinho que eu misturei.  
Deixai a imaturidade e vivei,  
e andai no caminho da Sabedoria.  
[Pr 9,1-3.5-6]*

*“Durante séculos, os povos amazônicos transmitiram a sua sabedoria cultural, oralmente, através de mitos, lendas, narrações, como sucedia com «aqueles primitivos jograis que percorriam as florestas contando histórias de aldeia em aldeia, mantendo assim viva uma comunidade que, sem o cordão umbilical destas histórias, a distância e a falta de comunicação teriam fragmentado e dissolvido». Por isso, é importante «deixar que os idosos contem longas histórias»*



*e que os jovens se detenham a beber desta fonte.” [FRANCISCO, 2019, QAm 34]*

Os povos das terras amazônicas possuem uma raiz rural. A natureza é sentida como matriz, útero de vida com a qual o ser humano está umbilicalmente conectado. Participar de sua vida exige outra lógica, distinta daquela da materialização e coisificação da natureza que leva a uma concepção de desenvolvimento depredador da *oikos*. A racionalidade científica de conhecimento da natureza tem como finalidade afirmar a superioridade e o domínio humano sobre o mundo criado. Ao contrário, conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres.

Só poderemos escutar os apelos que brotam da história na Amazônia na medida em que estivermos disponíveis a aprender a resistência, encarnada em seus povos e na sua dinâmica cósmica, ao mesmo tempo em que se busca nas tradições culturais, religiosas e comunitárias o que não foi totalmente desfigurado e destruído pela dominação colonizadora. Resistência, como característica da missão na Amazônia, significa contribuir para eliminação de tudo que nos leva a perpetuar a mecânica avassaladora do império que, hoje, chega nesta realidade com nomes de “desenvolvimento sustentável”: monoculturas, migrações forçadas, polos industriais, barragens, mineração e outros.

Se o cuidado das pessoas e o cuidado dos ecossistemas são inseparáveis, isto torna-se particularmente significativo lá onde «a floresta não é um recurso para explorar, é um ser ou vários seres com os quais se relacionar». A sabedoria dos povos nativos da Amazônia «inspira o cuidado e o respeito pela criação, com clara consciência dos seus limites, proibindo o seu abuso. Abusar da natureza significa abusar dos antepassados, dos irmãos e irmãs, da criação e do Criador, hipotecando o futuro». Os indígenas, «quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuidam», desde que não se deixem enredar pelos cantos das sereias e pelas ofertas interesseiras de grupos de poder. Os danos à natureza preocupam-nos, de maneira muito direta e palpável, porque – dizem eles – «somos água, ar, terra e vida do meio ambiente criado por Deus. Por conseguinte, pedimos que cessem os maus-tratos e o extermínio da “Mãe Terra”. A terra tem sangue e está sangrando, as multinacionais cortaram as veias da nossa “Mãe Terra”» [FRANCISCO, 2019, QAm n. 42].

A compreensão da Amazônia antes de ser científica, biológica, geológica, é indígena. É na compreensão mais profunda da relação entre seres humanos e natureza, captada e vivida pela sabedoria indígena, que se pode perceber a visão da Amazônia. Resgatar a relação humanidade e terra,



corpo e terra, terra sagrada que somos todos, somos presença e dom Divino.

Com as comunidades diversificadas, temos que aprender a nos tornarmos uma sociedade sustentável, ou seja, que produz o suficiente para si e para os seres vivos dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão.

Pachamama, Amazônia, *oikos*, casa comum nos leva a refletir sobre a relação entre gênero e Teologia. Conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres. O cristianismo, como religião e sua elaboração teológica, esteve sempre dominado pela perspectiva do masculino. Sua linguagem, seus símbolos, sua estrutura sociorreligiosa foi e é marcado pela lógica patriarcal. A ausência de uma análise crítica principalmente da masculinidade hegemônica na Teologia cristã, como categoria construída, reforçou a noção de que Deus é masculino. Masculinidade então se tornou normativa para o ser humano. Uma categoria que no cristianismo parece estar imune à análise crítica e a desconstrução.

O pensamento ecológico nos convida a viver a vida como uma rede de relações, rede que forma o ecossistema. Ele aponta para elaboração de novos paradigmas, incluindo os nossos Textos Sagrados.

A compreensão mais espiritual-teológica da Amazônia nos leva a uma mudança de foco. Leva-nos a refletir acerca da sobrevivência das plantas, dos animais e dos seres humanos, conduzindo-nos à construção de “um modo de vida sustentável”, em quatro dimensões: ambiental [preservação da vida], social [integração e convivência], mental [ética e espiritualidade] e integral [vida plena para cada um, cada uma e para todos] [CASTRO, 2018, p. 39].

*A enculturação eleva e dá plenitude. Sem dúvida, há que apreciar esta espiritualidade indígena da interconexão e interdependência de todo o criado, espiritualidade de gratuidade que ama a vida como dom, espiritualidade de sacra admiração perante a natureza que nos cumula com tanta vida. Apesar disso, trata-se também de conseguir que esta relação com Deus presente no cosmos se torne cada vez mais uma relação pessoal com um «Tu», que sustenta a própria realidade e lhe quer dar um sentido, um «Tu» que nos conhece e ama:*

*«Flutuam sombras de mim, madeiras mortas.  
Mas a estrela nasce sem censura  
sobre as mãos deste menino, especialistas  
que conquistam as águas e a noite.  
Bastar-me-á saber  
que Tu me conheces  
inteiramente, ainda antes dos meus dias»  
[FRANCISCO, 2019, QAm n. 73].*



## A Mulher na Igreja da Amazônia

*“Não podemos deixar de incentivar os talentos populares que deram às mulheres tanto protagonismo na Amazônia, ... Numa Igreja sinodal, as mulheres, que de facto realizam um papel central nas comunidades amazônicas ...”*

[FRANCISCO, 2019, QAm n. 102-103]

Palavras que testemunham a essencialidade da mulher na Igreja da Amazônia, mas que, ao mesmo tempo, a Teologia eclesial escolhida a colocam a margem e a silenciam, não lhe reconhecendo como sujeito no ‘que fazer’ teológico, nos ritos e sacramentos, nos espaços de decisão. É a este silêncio que precisamos dar voz.

Tecer um arco-íris entre as comunidades espalhadas no interior da Amazônia, na beira de seus rios e igarapés, com as primeiras comunidades cristãs, e encontrar caminhos, ou melhor, ousar reconhecer o que já está sendo vivido e fazer acontecer um salto qualitativo.

No judaísmo da diáspora, as mulheres podiam falar, coordenar e dirigir as liturgias, fora das casas eram silenciadas. Mulheres cristãs aprenderam a realizar reuniões doméstica e, pouco a pouco, elas saíram para as ruas, praças e outras cidades.

Vocês perguntam: temos informações disso no Segundo Testamento? Não, não, não temos informações das mulheres na vida das comunidades pré-paulinas. Não sabemos e o que aconteceu em seu tempo não foi escrito ou, se foi escrito, foi silenciado. Podemos intuir, ao ler e desfiando uns textos. Em muitos lugares, no

ambiente de origem, onde havia referências às igrejas domésticas, os nomes das mulheres são lidos: Priscila e seu marido Aquila aparecem nas cartas aos Romanos e aos Coríntios [Rom 16,5 e 1Cor 16,19]. Na casa de Filemón, aparece a irmã Ápia e seu companheiro Archipo [Filemon 1,1-2]; na casa de Filólogo e Julia, os nomes de Nereu e sua irmã emergem, e de Olímpias em Romanos [Rom 16,15]. Em Laodiceia, é a casa de Ninfa, que recebeu uma carta de Paulo [Col 4,15]. Há também a casa de Lídia em Filipos [Atos 16,15]. Nas igrejas domésticas, as mulheres encontraram seus espaços para atuar como coordenadoras nas comunidades. Uma comunidade muito amada por Paulo era de Filipos. Duas líderes, provavelmente em luta pela construção da comunidade, tiveram seus inconvenientes. Sobre elas, Evodia e Síntique, o companheiro Sícigo recebeu palavras de orientação para apoiá-las, porque Paulo as respeitava, via nelas lideranças valiosas, como dizia ele: *“lutaram ao meu lado pelo evangelho, com Clemente e os outros colaboradores meus, cujos nomes estão no livro da vida”* [Fl 4,2-3].

Na Carta aos Romanos, nas recomendações finais, temos referências interessantes. Em um trecho, ele se referiu a Febe: *“Recomendo a vocês Febe, nossa irmã, diácona da comunidade Cencreia... porque ela também ajudou muitos, até mesmo a mim”* [Rm 16,1-2]. Em outro, Paulo faz alusão a Priscila e seu marido: *“Saudações a Priscila e Aquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expôs sua cabeça.”* [Rm 16,3-5]. Fala também de Maria: *“Saudações a Maria, que fez muito por vocês”* [Rm 16,6]. Em Rm 16,7, lembra Júnia, chama ela e seu marido de “Apóstolos”,



com ousadia Paulo escreve: “*Saudações a Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros da prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo*”. Lembra Trifena, Trifosa e Pérside, companheiras na tribulação: “*Saudações a Trifena e Trifosa, que cuidaram da comunidade. Saudações para a querida Pérside, que tem trabalhado muito no Senhor*” [Rm 16,12]. Em Rm 16,13 refere-se a uma mãe: “*Saudações a Rufo, escolhido do Senhor, e sua mãe, que também é minha mãe*”. Em Rm 16,15 ele se lembra de Júlia, a irmã de Nereu e Olímpias: “*Saudações para Filólogo e Julia, Nereu e sua irmã, e para Olímpias, e para todos os santos que estão com eles*”.

Vemos que, nessas recomendações, Paulo fala naturalmente de mulheres que foram diáconas, colaboradoras em Jesus Cristo, ou apóstolas. Títulos e funções importantes na vida e organização das comunidades! Ele também fala do envolvimento de algumas delas na luta libertadora, dentro da opressão romana. As comunidades, e o próprio Paulo, deviam muito a essas mulheres, pois elas ajudaram e até arriscaram suas vidas para os irmãos. Carinhosamente, Paulo se refere a elas como irmãs, mães, colaboradoras na luta pelo evangelho, companheiras de prisão. Detalhe importante: em dois casos, a comunidade se reuniu na “casa” delas.

Quis trazer esta memória pois ela nos aponta caminhos, convida-nos a ousar: nomear, tirar do silêncio, reconhecer a ministerialidade da mulher nos ritos e sacramentos, no partir o pão eucarístico e da solidariedade, na gestão da autoridade e do doméstico, nos espaços de decisão.

Esta reflexão conduz a uma constatação: o que adianta o diaconato da mulher no atual modelo eclesial?

## Eclesiologia Sinodal

No artigo “A Sinodalidade incluirá a Sororidade?”, de Frigerio [2022], vem expressa a reflexão e a utopia que habita muitas mulheres quanto a eclesiologia, aqui apontamos e sublinhamos a utopia da Igreja doméstica que as CEBs querem viver e testemunhar.

Urge redescobrir e valorizar a força eclesiológico da Igreja na dimensão da casa, inclusiva de mulheres, homens, jovens, crianças, adultos. Redescobrir a Igreja doméstica, da *ekklesia kat' οικον* de Atos 2,46, na qual o pão se parte com alegria e simplicidade de coração ou Atos 5,42, em que não se deixa de ensinar e de anunciar a boa nova de que Jesus é o Cristo, talvez seja o único recurso para desenhar uma outra face da Igreja na crise que atravessam nossas comunidades, dentro das quais, mais do que irmãos/irmãs, somos estranhos e nos encontramos em um todo anônimo, habitual e distraído.

Foram nas casas que nasceu a comunidade cristã. É na casa que Jesus celebra a sua Páscoa. É a *eklesia* que se reúne nas casas que os discípulos e as discípulas do Crucificado Ressuscitado se reconhecem, uns aos outros, umas às outras, como frates [irmãos] e sororos [irmãs], membros da família de Deus. É na casa que a Divina *Ruah*/Espírito irrompe como vento impetuoso sobre homens e mulheres, dando



origem à Igreja, família universal reunida.

A mesma Divina *Ruah*/Espírita nos desafia a experimentar, ousar novas formas de ser Igreja, diversamente ligadas ao território, ousando linguagem nova e antiga, voltando a ser *Laos*, povo laical, povo de Deus. Novas células, reais lugares do acontecimento eclesial, espaços alternativos às formas existentes, não para deixá-las como são, mas para promover uma transformação radical e, quem sabe, substituí-las, uma vez adquiridas autoridade e competência.

Presença da Divina *Ruah*/Espírita que fortalece a consciência profunda de que só começando de baixo, com gestos e atitudes que nascem da vida, na simplicidade e na pobreza de uma casa acolhedora, poderemos voltar a ser um sinal de respeito e atenção. Mas para que isso aconteça, é necessário excluir definitivamente toda forma de clericalismo, toda forma de patriarcalismo, toda hierarcolgia indevida. É necessário devolver a boa nova aos pobres, abrir-se à fraternidade, sororidade universal, abandonar toda discriminação de gênero.

Apenas comunidades laicais, no sentido original do termo, em plena reciprocidade de homens e mulheres, incluindo carismas e ministérios, poderão conduzir a Igreja rumo a um presente e um futuro segundo o Evangelho.

## **Picadas a serem abertas e percorridas: o despontar de uma Igreja com rosto amazônico**

O Papa Francisco fez da questão ecológica um ponto chave do seu magistério, mostrando que sofremos uma grave crise socioambiental.

A partir da formulação da perspectiva da Ecologia Integral, o papa vê na ecologia a chance e o sinal mais urgente para encarnar a ação evangelizadora da Igreja e a possibilidade de criarmos uma rede de cristãos para dar uma resposta concreta com atenção aos pobres e marginalizados e no cuidado do planeta.

O Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para a toda Igreja. Tempo de escutar, refletir e agir, pois “a Amazônia arde em chamas e já não pode mais esperar”. Mas o papa também nos diz que a reparação socioambiental não pode se limitar em denunciar os problemas que o próximo está criando, mas exige cada vez mais que os mesmos indivíduos que clamam a Deus se tornem protagonistas de mudanças efetivas que impactem a vida da sociedade e do mundo em que vivemos.

A Ecoteologia, ao articular a dimensão social da fé cristã com a emergente consciência planetária, chama a todos para o debate à luz da fé sobre a vida na Casa Comum, em uma perspectiva do respeito e da cooperação com a Criação e traz ao debate eclesial os problemas e as soluções para que haja uma conversão ecológica que transborde em uma ecoespiritualidade.

Nesse contexto, destacamos algumas considerações sobre a importância da Ecoteologia na Amazônia em disputa:

- a) **É necessário um trabalho ecumênico e inter-religioso que proponha alternativas solidárias com os mais afetados pela crise ambiental e que se posicione frente à problemática ambiental;**



- b) É imprescindível valorizar a sabedoria dos povos ancestrais, para orientar práticas do cuidado com a Terra e despertar uma sensibilidade, espiritualidade e mística amazônicas - Igreja com rosto amazônico;
- c) É importante o acompanhamento da Igreja aos processos de resistência liderados por comunidades indígenas, tradicionais e de agricultores; nesse sentido, deve-se criar espaços ecumênicos para responder aos impactos e às violações dos direitos socioambientais, causados pelas atividades extrativas predatórias;
- d) Oferecer oportunidades de formação às comunidades e apoiar e promover ações voltadas à defesa dos territórios e de vidas;
- e) Romper com a ilusão do desenvolvimentismo e da mercantilização das terras e da natureza, escutando os territórios e seus povos em busca de agroecologia, soberania alimentar e dignidade.
- f) A Ecoteologia contribui para a Ecologia Integral – “deve ser enraizada e difundida nos cursos de teologia, nos espaços pastorais e na vida cotidiana dos cristãos” [MURAD, 2020].

O Sínodo da Amazônia, por sua vez, representa o compromisso da Igreja na Amazônia no cuidado da Casa Comum, expressão de uma Igreja aliada dos povos da Amazônia, em defesa da vida ecológica e espiritual e a serviço do futuro do planeta.

Nosso Texto Sagrado guardou, para nós, as 10 Palavras de Vida para o Bem Viver na terra de

Canãa. Oferecemos, aqui, como caminho a ser percorrido, cotidianamente, os Dez Mandamentos do Sínodo da Amazônia. Os 10 Mandamentos do Sínodo [VIEIRA; OLIVEIRA; MATA, 2020] sintetizam os caminhos para uma Igreja com rosto amazônico, e que passa pela ecoespiritualidade.

1º Mandamento: Amazonizarás a Igreja de forma a acolher as culturas e tradições amazônicas como expressão do Espírito de Deus que conduz os povos e a vida;

2º Mandamento: Defenderás os direitos dos mais vulneráveis (e da natureza) e fortalecerás a luta em defesa da vida, da justiça e dos direitos humanos;

3º Mandamento: Terás consciência da dramática situação de destruição que afeta a Amazônia e seus povos;

4º Mandamento: Não pecarás contra as gerações futuras em atos e hábitos de contaminação e destruição da harmonia do meio ambiente amazônico;

5º Mandamento: Buscarás mudanças radicais e urgentes em direção a um modelo de existência social e de relação com a natureza que permita salvar a Amazônia, garantir o Bem Viver e a convivência com o Bioma;

6º Mandamento: Reconhecerás com admiração e protegerás aqueles e aquelas que lutam, com grande risco de suas próprias vidas, para defender o território e o povo amazônico;

7º Mandamento: Assumirás o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural como o caminho irrevogável da evangelização na Amazônia.



8º Mandamento: Fortalecerás e renovarás os Ministérios Leigos, a Vida Consagrada, o presbiterato e o diaconato, com identidade amazônica, fortalecendo as vocações autóctones e priorizando uma missão pautada numa presença constante, numa escuta atenta e no compromisso com a libertação;

9º Mandamento: Ouvirás as vozes das mulheres para tomar decisões e contribuir com sua sensibilidade à sinodalidade eclesial, reconhecendo e valorizando o seu protagonismo no cuidado com a Casa Comum;

10º Mandamento: Viverás uma Igreja em saída, pautada na sinodalidade, comprometida com a defesa da vida na Amazônia e para a Amazônia.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Ricardo Gonçalves. Ecoteologia na Amazônia. Revista Ecoteologia – REPAM Brasil, 2018, p. 36-45. Disponível em: <http://repam.org.br/wp-content/uploads/2018/08Ecoteologia-revista-2-edição.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FRIGERIO, Tea. Amazônia: a página ainda a escrever do Gênesis. Cadernos CEMLA, n. 6, Curitiba, 2019, p. 87-105. Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/cemla>. Acesso em: 01 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Sabedoria... Sonhar... Sabedoria. Cadernos CEMLA, n. 7, Curitiba, 2021, p. 31-56. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Tea7.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Decolonizar o que foi colonizado. Cadernos CEMLA, n. 8, Curitiba, 2021, p. 78-107. Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/cemla>. Acesso em: 01 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. A Sinodalidade incluirá a Sororidade? Cadernos CEMLA, n. 9, Curitiba, 2022, p. 91-109. Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/cemla>. Acesso em: 01 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Julgar: horizontes da esperança [Texto-base]. XV Intereclesial das CEBs, Rondonópolis, 2022.

VATICANO. Instrumentum Laboris do Sínodo Amazônico. Roma: Vaticano, 17 jun. 2019. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>. Acesso em: 01 ago. 2022.

VIEIRA, Ima Célia G.; OLIVEIRA, Márcia Maria de; MATA, Raimundo Posidônio C. da. Os Dez Mandamentos do Sínodo Especial para a Amazônia. Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades. Salvador, v. 45, n. 249, p. 9-33, jan./abr. 2020.

# CONEXÃO DAS FORÇAS BOAS:

## Afugentar os seres das doenças

Justino Sarmiento Rezende<sup>1</sup>

### Iniciando a conversa

Pensar em uma Ecologia integral, no contexto das espiritualidades indígenas e experiências sociopastorais das Igrejas e dos povos amazônicos, é bastante complexo. Neste momento, eu apresento uma compreensão *tuyuka*, ou seja, não representa outros povos, pois cada povo indígena cultiva a própria espiritualidade, existente antes à espiritualidade cristã. Não é de interesse de muitos povos fazer uma aproximação com a espiritualidade cristã. Alguns indígenas evangelizados sonham com caminhos de interação de suas espiritualidades com a espiritualidade cristã, mesmo assim, não há uma conexão tranquila, principalmente quando o cristianismo quer se sentir melhor do que a prática da espiritualidade indígena.

---

<sup>1</sup> Do povo Utãpinopona-Tuyuka, originário do município de São Gabriel da Cachoeira [AM]. Missionário e sacerdote da congregação salesiana. Formação acadêmica: Licenciatura plena em Filosofia, Bacharelado em Teologia, Mestrado em Educação e Doutorado em Antropologia Social. Texto preparado em uma perspectiva de pensar a Ecologia integral no contexto das espiritualidades e experiências sociopastorais das Igrejas e dos povos amazônicos.

### 1. *Diarige wabokuto, diarige wanoarõ bokuto!* Vivemos cercados pelas doenças, vamos afastá-las!

Os meus parentes são cristãos desde que os missionários salesianos chegaram, na antiga missão salesiana de Pari-Cachoeira [1940]. Desde aquela década, procuram viver o cristianismo e realizam suas cerimônias tradicionais. Em algum tempo, praticavam de forma mais clandestina devido ao controle religioso cristão. Na atualidade, realizam de forma mais visível. As cerimônias *tuyuka* acompanham os ciclos de vida cósmica e muito pouco o ano litúrgico. A cosmovisão mapeia os perigos que podem causar doenças, que provêm dos seres das enchentes dos rios, das piracemas [desova de peixes], tempo de floração e amadurecimento das frutas, preparação de roças, inauguração da maloca nova, início de verão, nomeação de crianças recém-nascidas, primeira menstruação da menina, movimento das constelações. São tempos especiais para a realização das cerimônias de proteção da vida humana, das comunidades, das casas, dos rios, da floresta, dos peixes, da caça e de todos os seres cósmicos.

### 2. *Proteção com a defumação*

*Diarige wabokuto hirã muno basehã tirira nimiwã marĩ ñekusumuapuha! Os elementos materiais cerimoniais são importantes em todas as culturas. Os meus avós utilizam o taba-*



*co para a cerimônia de proteção, defesa da vida e para tranquilizar os seres cósmicos que podem causar doença. O especialista Kumu é considerado defensor da vida dos humanos, interlocutor, embaixador para negociar benefícios junto aos seres de outros patamares.*

A cerimônia de proteção é a expressão da espiritualidade tuyuka, interliga-se aos outros povos indígenas, aos seres-árvores, peixes, animais, pássaros, lagartas, onças, cobras, frutas, constelações, estrelas, sol, lua. Muitos nomes indígenas estão relacionados aos outros seres do cosmo. O Kumu tece a conexão de elementos bons para garantir o bem viver dos povos e de todos os seres cósmicos. Ao utilizar a linguagem e os códigos cerimoniais, costura rede de interligações cósmicas. Torna os

seres de outros patamares como nossos avós, primos, cunhados, irmãs, primas, mães.

Os efeitos de interligação são inseridos pelo Kumu no tabaco. Ele fala baixinho e sopra as forças do bem no tabaco. Ao fumar o tabaco, cada pessoa coloca dentro de si as forças do bem, da proteção e entra em conexão com os seres cósmicos. A fumaça que soltamos espalha-se pelo cosmo e os seres cósmicos fumam o tabaco e ganham os mesmos efeitos do bem.

Os enunciados de proteção nos tornam membros de uma família cósmica. As árvores possuem pais, mães e avós, expressam suas emoções, alegria, tristeza e choro. Elas revoltam-se com os invasores de suas casas e causam as doenças e até podem matar. Muitas vidas estão em conexão com as fruteiras, com





a diversidade de pássaros e animais, como a paca, a cutia, o porco do mato, o macaco, os insetos, as lagartas, o cupim, os peixes, as cobras, as aranhas, as formigas, as abelhas. A cerimônia de proteção evita brigas, guerras e mortes entre todos os seres atingidos pelo sabor e cheiro de tabaco.

Dentro desse mundo complexo, o Kumu transita, por meio de suas cerimônias, para conversar, dialogar, negociar, pedir o respeito às pessoas da parte de todos os seres. Do lado humano, garante o respeito aos seres do cosmo.

Quando o Kumu protege as pessoas que irão coletar as frutas, em uma atitude cerimonial, percorre no interior das florestas, dialoga e pede o respeito pelas pessoas que entrarão naquela casa-floresta. Pede as frutas ao seu dono, pai e mãe das frutas. Por outra parte, as pessoas, devem seguir os tratos que o Kumu fez com os seres da floresta. Do contrário, as doenças causadas pelos seres cósmicos atingirão alguém e podem levar a óbito.

Para finalizar, apresento breve discurso que explica como se realiza a proteção: *“fiz uma cerimônia para livrá-los dos perigos. Mande as jararacas para dentro de suas tocas e tranquei a sua porta. Elas ficarão tranquilas dentro da toca, pois eu ofereci a comida cerimonial: deixei uma cuia cheia de ipadu para elas se alimentarem; ofereci o tabaco para elas ficarem fumando; por isso, elas ficarão tranquilas. Fiz a cerimônia para evitar os ferimentos durante as andanças para coletar as frutas. Senti que acusava alguns perigos pequenos, não terá mais, pois já tranquilizei. Realizei a proteção de vocês contra as quedas das árvores durante a coleta das frutas, não correm o risco de cair dos*

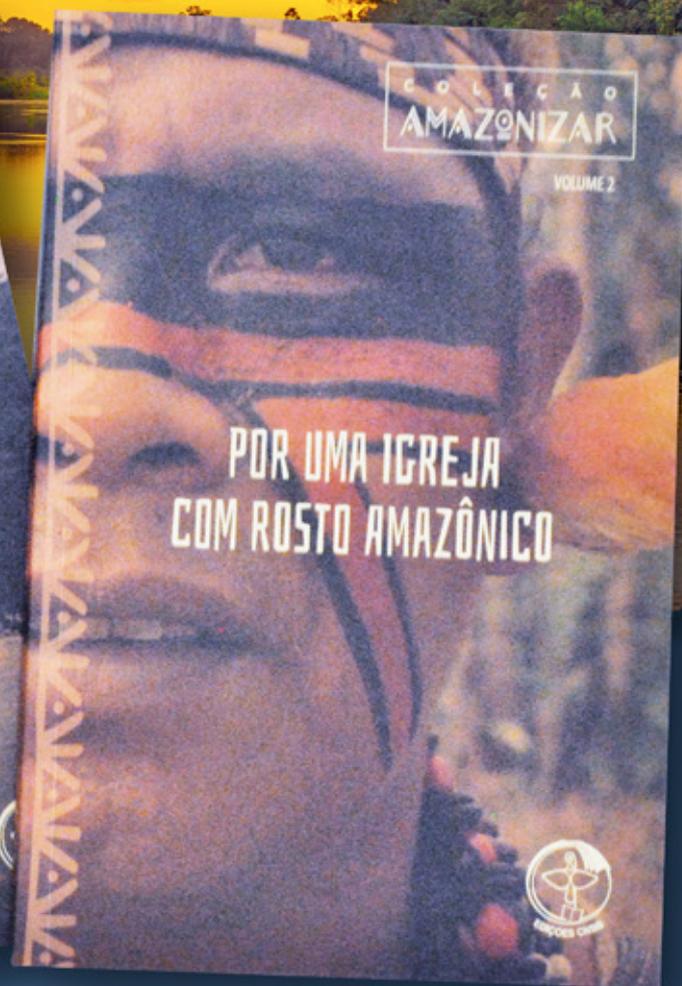
*galhos das árvores, mas peço que estejam atentos para não distraírem e caírem. Por fim, realizei a cerimônia para manter a vossa tranquilidade, paciência e compreensão um ao outro. Eu senti que surgiria alguma tensão e conflito, é devido às exigências diversas, como por exemplo, quem é mais rápido fica chateado com quem é mais lento. Por isso, eu realizei a cerimônia para tranquilizá-los e vocês farão bem o trabalho”.*

O **Kumu** realiza a cerimônia para o bom andamento do trabalho feminino: *“eu fiz a cerimônia de proteção aos trabalhos que as mulheres realizarão. Pensei e repensei, vocês não correm o risco de serem afetadas por alguma doença. Percorri o caminho de roça por onde vocês andarão, não senti nenhum problema. Pensei e repensei aos vossos trabalhos de limpeza da roça e coleta de mandioca, não me apresentou nenhum problema. Não sofrerão de ferimentos nem picadas de jararacas, escorpiões, aranhas. Para protegê-las, eu deixei todas elas bem tranquilas em suas tocas, ofereci os alimentos cerimoniais: ipadu e tabaco. Pensei e repensei como será vosso trabalho de ralar, espremer a massa de mandioca em casa. Não senti nenhum perigo. Mesmo não sentido nenhum perigo, fiz a vossa proteção”.*

## Fechando a conversa

A espiritualidade tuyuka são narrativas de histórias, diálogos com os humanos de diferentes povos e com seres de outros patamares. A conexão das coisas boas garante a boa convivência das pessoas entre si e das pessoas com os seres cósmicos.

# COLEÇÃO AMAZONIZAR



**Está Disponível**

Acesse o **QR Code**  
e adquira a sua!

